

— Não creio. Esforça-se por não pensar nisso. Mas o caso fê-lo desejar a minha ausência, para sempre.

— Vou ter um filho!

Mellors teve para Constance um olhar que ela não podia compreender. Era como se uma chama sombria a houvesse iluminado.

— Diga que está contente, suplicou-lhe ela, tomando-lhe a mão — e viu transparecer nele um certo ar de triunfo — mas triunfo entravado por coisas que não compreendia.

— Isso é o futuro, respondeu Mellors.

— Mas está ou não contente? insistiu Constance.

— Desconfio sempre do futuro.

— Mas não precisa pensar nas responsabilidades. Clifford tomará conta da criança e sentir-se-á feliz.

Mellors empalideceu a essas palavras. Calou-se.

— Quer que volte a Clifford e crie um novo baronete para Wragby?

Mellors olhou-a com os olhos distantes, pálido, e o riso escarinho reapareceu-lhe nos lábios.

— Revelar-lhe-ia quem é o pai?

— Ele aceitaria a criança mesmo sabendo de quem é.

Mellors refletiu um momento.

— Sim, é bem possível.

Calaram-se por instantes. Naquele momento grande abismo os separava.

— Mas você não quererá que eu volte a Clifford, não é? começou Constance.

— Depende de si. Que prefere?

— Oh! Viver com você, só isso, respondeu ela com simplicidade.

Essas palavras fizeram que as chamas do desejo tremessem despertas no ventre de Mellors que baixou a cabeça; depois encarou-a com os olhos já demudados.

— Vai perder muito. Eu nada tenho a dar, disse-lhe ele.

— Tem a dar-me mais do que qualquer outro homem. Não ignora isso.

— Sim, eu sei — num sentido.

Calou-se por um instante, imerso em pensamentos. Depois:

— Diziam outrora haver muito de mulher em mim, mas não é certo. Não tenho muito de mulher em mim pelo fato de não dar tiros em passarinhos, de não gostar da caça ao dinheiro ou das posições sociais. Eu teria com facilidade aberto caminho na vida; no exército. Mas não gostava do exército. Sempre soube lidar com homens e eles que queriam a mim, e tinham um medo pânico das minhas cóleras. Não: é autoridade superior, estúpida e mecânica, que faz do exército uma coisa mortalmente estúpida. Gosto dos homens e eles de mim, mas não tolero a impudência pretenciosa e o falatório dos que conduzem o mundo. Eis por que não me interessei em abrir caminho. Também odeio a impudência do dinheiro, e ainda a impudência das castas sociais. Sendo assim, e o mundo tal que é, que posso oferecer a você?

— Mas por que oferecer? Não se trata dum negócio. Nós nos amamos e basta, respondeu Constance.

— Não, não. Há mais que isso. Viver é avançar, e minha vida recusa-se a fluir pelos canais abertos pelos homens. Logo não presto para nada, e não tenho o direito de meter uma mulher na minha vida, já que minha vida não vai a coisa nenhuma. É preciso que um homem ofereça à mulher uma vida que tenha sentido. Não posso tornar-me apenas o macho dessa mulher.

— Por que não?

— Porque não posso. Você acabaria me odiando.

— Como se não pudesse confiar em mim!...

O riso escarinho perpassou-lhe pelos lábios.

— O dinheiro é seu, disse ele; a situação social é sua; quem decide é você. Eu, afinal de contas, não passaria do fornicador de Madame.

— E que poderia ser além disso?

— Ai está! Alguma coisa invisível! Para mim mesmo, sou alguma coisa. Compreendo o sentido da minha existência, embora admita que ninguém mais a compreenda.

— E essa existência perderia o sentido se vivêssemos juntos?

Mellors calou-se por alguns momentos antes de responder.

— Talvez, disse por fim.

— E qual o sentido da sua existência?